



**Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Departamento de Patrimônio Imaterial
Coordenação Geral de Identificação e Registro
Coordenação de Identificação**

Nota Técnica n. 07 /2014 – CGIR/DPI

À Senhora:

Ivana Medeiros Pacheco Cavalcante
Coordenadora de Identificação

Assunto: INRC - Marabaixo do Amapá

Documento analisado: Produto 5 – Dossiê do Marabaixo, que contém as seguintes partes do INRC:

- 1) Ficha de Identificação de Sítio do Amapá;
- 2) Anexos 1, 2, 3 e 4;

Fichas de Identificação de Celebrações, Edificação, Formas de Expressão, Lugares e Ofícios e Modos de Fazer.

Introdução ao tema

Esta Nota Técnica objetiva discutir aspectos teóricos e metodológicos acerca do INRC – Marabaixo do Amapá desenvolvido pela empresa Estilo Nacional, em cumprimento ao Contrato nº 07/2012. O material foi apresentado ao Departamento de Patrimônio Imaterial pela Superintendência do IPHAN no Amapá. O trabalho de campo foi realizado nos seguintes períodos do ano de 2013: 3 a 8 de fevereiro, 24 de março a 1º de abril, 4 a 21 de maio e 23 a 26 de agosto.

A equipe do INRC Marabaixo inventariou 14 grupos praticantes da expressão, segundo análise da consultora Weleda de Fátima Freitas, consultora PRODOC da Superintendência do IPHAN no Amapá. O primeiro contato da equipe com o Marabaixo se deu dia 4 de fevereiro de 2013, na comemoração dos 255 anos de Macapá. Nessa oportunidade, os pesquisadores estabeleceram vários contatos com pessoas que foram entrevistadas posteriormente.

Weleda aponta que, além dos grupos inventariados, foi solicitada à equipe uma lista contendo lugares e comunidades onde ocorre a manifestação. Essa pesquisa subsidiária indicou a existência de mais 27 comunidades, além daquelas inventariadas anteriormente: 1 em Oiapoque, 2 em Mazagão, 5 em Santana e 19 na área rural de Macapá.

Apreende-se da leitura do material que o Marabaixo é uma forma de expressão bastante complexa e reúne uma série de bens culturais intrincados em suas práticas. Atualmente, caracteriza-se por ser “um conjunto complexo de práticas e saberes que se aglutinam numa forma de expressão apropriada para um contexto festivo específico” (p. 28). O período de sua manifestação coincide com as festas de devoção a santos católicos.

O Marabaixo é expresso através das danças e das músicas, sendo informado pelos mestres da manifestação como uma herança africana. Seus significados estão presentes no próprio nome (ver Relatório) e as letras das músicas, chamadas “ladrões”, revivem aspectos do cotidiano da população negra amapaense. A indumentária feminina é rica em cores: as saias são rodadas e floridas, a blusa possui babados, utilizam-se sapatilhas, flor no cabelo, brincos, pulseiras, colares. As mulheres dançam ao redor dos tocadores de caixa. Todos cantam.

Em Macapá convencionou-se denominar o período das manifestações relacionadas ao Marabaixo de Ciclo do Marabaixo. Diversos rituais podem ser presenciados durante esse período, dando vida aos bens inseridos nas práticas do Marabaixo. Este intervalo anual (inicia-se no Sábado de Aleluia na Favela e no Domingo de Páscoa no Laguinho e termina no domingo após o Corpus Christi em ambas localidades), entretanto, não esgota toda a rede de relações construídas ao longo do ano. O seguinte trecho foi colocado de forma muito assertiva no relatório e merece destaque:

O Marabaixo inclui formas complexas de transmissão tradicional, na fixação da história local por meio de canções, de forma que as sessões de Marabaixo não são apenas a celebração religiosa, mas também momentos de reforço da memória pública e coletiva das comunidades que o praticam. (p. 5)

A descrição do Marabaixo na parte denominada Contextualização Histórica está bem assinalada, apesar de não conter dados mais substanciais acerca da colonização do Amapá. Nela há trechos emblemáticos sobre o bem cultural, dando a forte dimensão do passado e da dinâmica atual dessa forma de expressão. O contexto de surgimento explorou o caráter de dor daqueles que viveram a triste saga de travessia do Atlântico na época da escravidão, apontando a sensibilidade dos pesquisadores para aspectos além dos eminentemente descritivos.

Entendemos que esse é um dos motivos que potencializa a escolha do estado do Amapá como Sítio. Ou seja, o território foi delimitado tendo em vista os bens referenciados e as

dinâmicas das relações sociais presentes, tudo isso dialogando com a reflexão socioespacial do mesmo. É a combinação desses elementos que permite a existência da prática do Marabaixo ininterrupta por, pelo menos, cem anos, de acordo com os registros históricos e a memória dos entrevistados. (p.5)

Há várias indicações no texto relacionando a história do Marabaixo à história de formação do estado, mas não encontramos dados sobre a dinâmica dos fluxos de pessoas de Marrocos para Belém, passando por Portugal, posteriormente chegando ao Amapá. Se “a história do Marabaixo se confunde com a história do Amapá” (p. 20), seria fundamental que houvesse no dossiê um maior aprofundamento de aspectos desse caráter.

Análise de conteúdo do relatório

Apesar da qualidade das descrições, pontuamos algumas ideias que apresentam entendimentos equivocados, gerando ambiguidade no texto. Além disso, apontamos nesta seção algumas lacunas que poderiam ter sido observadas na pesquisa, mas que oferecem subsídios para a produção do dossiê para instrução do registro.

1. Como bem apontado por Weleda de Fátima Freitas, consultora PRODOC da Superintendência do IPHAN no Amapá, em vários trechos da sua Nota Técnica (Continuação da Nota Técnica nº 21/2013) sobre o material ora analisado, não há dados na pesquisa acerca dos grupos de africanos que desembarcaram na região onde hoje temos o Marabaixo. Reiteramos a observação de Weleda. A pesquisa está pautada em diversos sentidos pela identificação e referência ao continente africano, mas a particularização em relação aos diversos povos não está presente no texto.

Apesar das dificuldades para conseguir encontrar dados como esses, insistimos para o esforço no sentido da particularização. O cuidado ao informar aspectos da origem sociocultural dos africanos não deve ser tirado do horizonte da pesquisa, pois, ao contrário, incorreríamos no risco de homogeneizar a África, reafirmando preconceitos tão recorrentes no nosso país em relação às pessoas vindas dos diversos países desse continente.

2. A leitura dos trechos “[...] o status do negro passou por uma valoração positiva e o Marabaixo passou a ser atividade de valor e fonte de distinção não só para os executores como para o conjunto da sociedade amapaense” (p. 39) e “o Marabaixo atua fortemente no autorreconhecimento das comunidades e na percepção de sua distinção em relação ao conjunto da sociedade amapaense” (p. 5) pressupõe a “sociedade amapaense” como algo dado. O termo,

porém, remete a uma dinâmica de construção histórica muito mais complexa do que a forma tal como foi colocada parece indicar. Quem são as pessoas que compõem o conjunto da sociedade amapaense? Como o Marabaixo foi acionado e incorporado como um ícone da identidade amapaense?

3. Fala-se muito em distinção, mas não temos elementos para compreender de que forma ela se produz. Quais são as principais características dessa distinção? Em que níveis ela é construída? Por que as comunidades do Marabaixo se diferenciam da “sociedade amapaense”? Nos exemplos acima, o termo parece apontar para ideias distintas. Se for esse o caso, sugerimos maior apuramento da discussão teórica a respeito dessas palavras – distinção e sociedade – que, amplamente utilizadas pelo senso comum, não podem deixar de ser abordadas com certo rigor.

4. Por último, mas não menos importante, ressaltamos que o relatório analítico do processo de pesquisa deve constar de descrição qualitativa do trabalho de campo, contendo relatos das experiências de pesquisa (problemas e desafios enfrentados) e análise dos dados produzidos durante a pesquisa. Como se deu o envolvimento dos pesquisadores com os interlocutores? Como o tempo inerente a esse tipo de pesquisa de campo se refletiu nos resultados?

Análise da estrutura do INRC

O Decreto 3.551 de 2000, que dispõe sobre a instituição do registro de bens culturais de natureza imaterial, descreve a existência de cinco categorias de natureza patrimonial: celebrações, formas de expressão, ofícios e modos de fazer, lugares e edificações. Todas elas estão contempladas nas fichas que compõem o INRC.

O Inventário é, portanto, um instrumento técnico de identificação de bens culturais, entre outras coisas. No contexto do inventário produzido acerca do Marabaixo no Amapá, o INRC foi utilizado como instrumento de pesquisa privilegiado. As fichas apresentadas e os anexos estão bem preenchidos e atendem ao disposto no Manual do INRC. Todos os bens inventariados no Anexo 3 foram identificados.

O Marabaixo é articulador de uma série de outros bens a ele vinculados e, possivelmente, é essa manifestação que mantém a existência dinâmica dos ofícios e modos de fazer relacionados a ela. Isso está bem refletido nas fichas. A ficha de Sítio está muito pertinente, com dados e discussões que completam as informações apresentadas no relatório. O item 9.1. (Problemas e Possibilidades) dessa ficha, por exemplo, faz uma reflexão sobre o atual estado do Marabaixo, articulando-o com as sociabilidades inerentes a essa forma de expressão.

As fotos produzidas pela equipe são bastante representativas de diversos aspectos dos bens inventariados, além de apresentarem uma excelente qualidade estética. Vê-se que as imagens dialogam com os textos, contribuindo, assim, para a produção de conhecimento esperada pela utilização dos mecanismos oferecidos pelo INRC.

O item 7.1. (Origens, Motivos, Sentidos e Transformações) da Ficha de Identificação: Celebrações – Cortejo da Murta discute o Marabaixo “como recurso ideológico para uma política pública de grande escopo [...]. Com esse discurso, os órgãos públicos e a Seafro invocam a centralidade do Marabaixo na cultura amapaense, uma vez que esta forma de expressão põe em movimento as diversas esferas em que se traduz o fenômeno social”. A partir dessa afirmação, a equipe argumenta que as redes de relações e as práticas intrincadas ao complexo denominado Marabaixo podem ser entendidas como um fato social total, tal como abordado por Marcel Mauss em seu consagrado “Ensaio sobre a dádiva”. Para fortalecer o argumento, afirma-se que

“[...] o Marabaixo evidencia as múltiplas ligações que estabelece com a realidade amapaense. O Marabaixo está, por essas várias faces, firmemente imbrincado no tecido social e assume lugar de destaque na definição do Amapá, uma vez que este bem cultural pode ser acionado nas mais diversas situações como recurso de permanência, de valorização da memória, de atualização da história, como modelo de organização e testemunho de uma mentalidade.”

O entendimento está pertinente, mas sentimos falta de dados que problematizem as condições de entrelaçamento das diversas esferas do tecido social que caracterizam as peculiaridades do fato social total.

A frase transcrita a seguir contém uma afirmação que deve ser melhor problematizada, pois pode transmitir o entendimento de hierarquia entre formas de saber distintas: “A história da Festa do Divino Espírito Santo em Mazagão Velho não está contada em livros ou artigos acadêmicos; contamos **apenas** com a memória e os relatos de seus participantes” (item 7.1. da Ficha de Identificação: Celebrações – Festa do Divino Espírito Santo). [grifo nosso]

No trecho “Seria interessante realizar um estudo de identificação dos descendentes da Mazagão africana no local, investigando os costumes recorrentes” (Ficha de Identificação Lugares: Mazagão Velho, item 10.1), o termo “costumes” está destoante do tom dado ao Marabaixo pela equipe na maior parte do relatório. Não há gravidade em abordar o termo costumes quando a referência é cultura. Entretanto, no que diz respeito ao Marabaixo e a todo o complexo envolvido, sugerimos o termo práticas como o que melhor descreve as características e os elementos que dão vida ao bem.

Julgamos pertinente a observação contida no item 3. da Ficha de Identificação: Formas de Expressão – Marabaixo, a respeito do seu preenchimento. De fato, para o contexto especificado, a listagem de todos os executantes da forma de expressão nas treze comunidades pesquisadas descaracterizaria o propósito coletivo da sua identificação. Este é demonstrar, através do envolvimento das pessoas, da dinâmica das práticas e do sentido atribuído aos bens sua construção enquanto objeto patrimonial. Questiona-se por que a equipe não optou por transcrever o nome dos grupos, uma vez que listar e descrever, portanto, identificar os grupos, é fundamental.

Considerações Finais

Diante da qualidade do material apresentado a este Departamento e das observações pontuais presentes nessa Nota Técnica, concluímos incentivando a continuidade do processo de pesquisa e acompanhamento das atividades ligadas ao Marabaixo. A produção do material sobre o Marabaixo foi satisfatória, a despeito do curto período de tempo destinado à pesquisa de campo.

Associadas ao teor de manifestação religiosa, as práticas do Marabaixo são construídas através de formas de transmissão tradicionais complexas, o que contribui para a constituição de memórias coletivas sobre momentos e realidades dinâmicos que envolvem o registro simbólico da manifestação. Os grupos praticantes são os guardiões dessa tradição que há décadas se aprimora, transforma simbologias e mantém seu caráter de referência para aqueles que vivenciam as sociabilidades relacionadas ao Marabaixo.

A produção de conhecimento promovida por esta etapa do Inventário está consonante com as diretrizes políticas do Patrimônio Imaterial. Está claro que o Marabaixo é uma referência cultural de extrema importância no estado do Amapá. Isso se dá através das memórias e dos valores compartilhados pelas comunidades, pela antecendência histórica e pela identidade conferida aos praticantes e ao estado.

A história do Marabaixo e as histórias sobre a formação do estado do Amapá estão intimamente relacionadas aos fluxos de pessoas entre continentes (África, Europa, América do Sul). Faz parte da dinâmica desses movimentos as intensas trocas produzidas justamente pelas idas, vindas e permanências de pessoas pelos caminhos. Chama à atenção no trabalho apresentado a intensa musicalidade da expressão. Teriam a música e a dança se reinventado nos trajetos percorridos pelos primeiros praticantes? Que elementos de outros lugares foram incorporados na prática do Marabaixo que confere a ele sua singularidade?

Os significados dos pés arrastados na dança estão explicados, em vários trechos do texto, como referência aos pés acorrentados dos africanos escravizados. A música, nesse sentido, seria um "lamento pela morte dos que não completavam a travessia do oceano nos navios negreiros" (p. 49). A equipe atribui a essas interpretações elementos do "mito de origem do Marabaixo".

É papel das investigações de caráter etnomusicológico compreender os significados mais profundos das práticas musicais atuais tendo em perspectiva suas transformações históricas. A música – entendida como algo muito mais complexo do que o som ou a letra – é construtora de muitos aspectos da sociedade, como bem pontuou Anthony Seeger.

Considerando essas questões, sugere-se a realização de uma pesquisa que aprofunde aspectos mais descritivos e técnicos da música e da dança relacionadas ao Marabaixo. Trechos como "O modo como se toca a caixa varia conforme algumas situações. Primeiramente, existem **peculiaridades de toques dependendo do grupo** no qual o tocador se insere, que **devem ser respeitadas**. Além disso, há distinções referentes ao local da apresentação [...]" (p. 50) pedem um olhar mais direcionado e cuidadoso. [grifo nosso]

São indicações como estas que demonstram a necessidade de investimento em um tipo de pesquisa teoricamente mais específica: "No caso de três tocadores, dois marcam o ritmo e o terceiro faz o contraponto e introduz um novo elemento chamado pelos marabaixeiros de dobrado" (p. 50) e "uma característica das caixas é o fato de, como elementos percussivos, não poderem ser perfeitamente afinados, de modo que um mestre faça duas caixas com as mesmas dimensões e materiais, elas terão timbres diferentes." (p. 51). O caráter musical intrínseco e indissociável é essencial na configuração do Marabaixo como forma de expressão.

Esse material futuro, se bem estruturado, subsidiará os elementos fundamentais a serem apresentados para o Conselho Consultivo, que decidirá pelo registro do Marabaixo como patrimônio do Brasil. Solicita-se, portanto, um maior apuramento da escrita do material que for produzido, observando as orientações desta Nota Técnica.

Brasília, 7 de março de 2014.

Sara Santos Moraes
Técnica
Matrícula Siape: 2069948

De acordo.
Encaminhe-se à Superintendência do
Amapá.
Em de março de 2014.

Ivana Medeiros Pacheco Cavalcante
Coordenadora de Identificação